

A INTERNACIONALIZAÇÃO E A LÍNGUA INGLESA

Uma Relação Simbiótica e Seus Conceitos Básicos

*THE INTERNATIONALIZATION AND THE ENGLISH LANGUAGE:
A Symbiotic Relation And Their Basic Concepts*



Mestranda

Claudia Regina Brito Mendes

Orientador

Dr. Alberico Francisco do Nascimento

A INTERNACIONALIZAÇÃO E A LÍNGUA INGLESA

Uma Relação Simbiótica e Seus Conceitos Básicos

*THE INTERNACIONALIZATION AND THE ENGLISH LANGUAGE:
A Symbiotic Relation And Their Basic Concepts*

Instituto Federal do Maranhão

Campus São Luís Monte Castelo

Programa de Pós-Graduação em Educação
Profissional e Tecnológica

Mestranda

Claudia Regina Brito Mendes

Orientador

Dr. Alberico Francisco do Nascimento

ISBN: 978-65-00-17626-1



É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, ou parte do mesmo, sob quaisquer meios, sem a autorização expressa do autor.

(Este livro segue as novas regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa)

AUTORA

Claudia Regina Brito Mendes

ORIENTADOR

Dr. Alberico Francisco do Nascimento

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Nayana Gatinho da Silva

ILUSTRAÇÕES

www.freepik.com

FICHA CATALOGRÁFICA

M538i Mendes, Claudia Regina Brito.

A internacionalização e a língua inglesa: uma relação simbiótica e seus conceitos básicos/Claudia Regina Brito Mendes. – São Luís, 2020.

43 f.: il.

Cartilha, produto da Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação Profissional e Tecnológica/Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, Campus São Luís/Monte de Castelo, 2020.

Orientador: Prof. Dr. Alberico Francisco do Nascimento.

1. Língua Inglesa – Metodologias de Ensino. 2. Internacionalização. 3. Formação de Falantes. I. Título.

ISBN 978-65-00-17626-1

CDU 811.111

RESUMO

Com o objetivo de contribuir com uma formação cidadã dentro do entendimento a respeito da Internacionalização e da sua relação com o ensino de língua inglesa no Instituto Federal do Maranhão bem como seus contextos, suas contradições e seus benefícios para estudantes, professores e gestores, foi pensada essa cartilha. Para tanto, buscamos trazer conceitos básicos sobre o processo de Internacionalização vigente, hoje, no universo dos Institutos Federais, os tipos de Internacionalização e as ações presentes no Instituto Federal do Maranhão. Além disso, apresentamos as concepções sobre a língua inglesa e as metodologias de ensino de língua inglesa, destacando aquelas que tratam, prioritariamente, sobre a formação de falantes, o que favorece às instituições de ensino a uma participação no processo de Internacionalização, de forma consciente e crítica.

ABSTRACT

With the aim of contributing to a citizen formation within the understanding regarding Internationalization and its relationship with the teaching of English language at the Federal Institute of Maranhão as well as its contexts, its contradictions and its benefits for students, teachers and managers, it was thought this booklet. Therefore, we seek to bring basic concepts about the Internationalization process in force nowadays, in the universe of Federal Institutes, the types of Internationalization and the actions present at the Federal Institute of Maranhão. In addition, we present the conceptions about the English language and English language teaching methodologies, highlighting those that deal primarily with the training of speakers, which favors educational institutions to consciously participate in the Internationalization process and critical.

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Jesus, Senhor da vida, autor de tudo o que sou e de tudo o que tenho e que ainda irei conquistar. Bendito seja o Senhor por tudo! A Ele toda honra, glória e gratidão!!

Aos meus pais. "*In Memoriam*", ao meu pai, Carlos Augusto Mendes, que me proporcionou grandes oportunidades de estudo e crescimento pessoal e profissional. À minha linda mãe, Maria Nazaré Brito Mendes, que é o instrumento mais lindo de Deus na minha vida, doando-se sempre para que eu tivesse fé, caráter e determinação para crescer em todas as áreas da vida.

Ao Instituto Federal do Maranhão, através do diretor do campus Bacabal, Maron Stanley Silva Oliveira Gomes, e dos gestores do IFMA/Monte Castelo, pela oportunidade de cursar esse mestrado.

Ao meu orientador, Alberico Francisco Nascimento, pelo olhar sempre generoso, carinhoso e humano com os meus avanços, com meus erros, respeitando os meus limites e os meus objetivos.

A todos os responsáveis pela existência do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT, que é um grande ganho para a capacitação dos profissionais da Rede Federal.

A todos os meus professores no PROFEPT/Campus Monte Castelo, à professora Suzana Maria Lucas Santos e, especialmente, à professora Eliane Maria Pinto Pedrosa, que além de ser uma profissional inspiradora, tem uma generosidade sem dimensão para contribuir com o crescimento de todos que estão à sua volta.

SUMÁRIO

Apresentação	11
1. A Internacionalização	13
2. Tipos de Internacionalização	19
3. A Estrutura e as Ações de Internacionalização no Instituto Federal do Maranhão	21
4. A Língua Inglesa	28
5. Metodologias de Ensino de Língua Inglesa	32
6. Formação de Falantes em Língua Inglesa no Ifma	36
Notas da Autora	40
Referências	42



APRESENTAÇÃO

Esta cartilha "A Internacionalização e a Língua Inglesa: uma relação simbiótica e seus conceitos básicos" é produto de uma pesquisa desenvolvida no Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal do Maranhão, campus Monte Castelo (PROFEPT/IFMA/ Monte Castelo).

A pesquisa realizada no Instituto Federal do Maranhão, campus Bacabal, mostrou ser necessário haver um maior esclarecimento acerca do entendimento sobre o processo de Internacionalização e sobre sua relação com a língua inglesa, com o ensino de língua inglesa, trazendo à tona as concepções sobre a língua inglesa e as metodologias que favorecem a formação de falantes, além da consciência dessa relação dentro de uma perspectiva do mundo do trabalho na Educação Profissional.

Assim, visando contribuir diretamente com estudantes, professores e gestores do Instituto Federal do Maranhão e, indiretamente, com todos os Institutos e Universidades Federais, que vivenciam as realidades da Internacionalização e, conseqüentemente, da sua relação com a língua inglesa, pensou-se nesta carti-



lha, que traz conteúdos orientativos para uma melhor compreensão sobre essa relação Internacionalização e língua inglesa.

Dessa forma, esta cartilha está dividida em seis partes. As três primeiras partes tratam do conceito de Internacionalização, seus tipos e como ela acontece no Instituto Federal do Maranhão, suas ações e seus impactos. E, os três últimos tópicos, tratam sobre a língua inglesa, suas concepções, as metodologias de ensino de língua inglesa e sobre quais favorecem a formação de falantes.

Esperamos que esta cartilha seja, de fato, um instrumento de informação e de orientação acerca das temáticas sobre Internacionalização e língua inglesa a fim de que haja um esclarecimento e que se desenvolva um pensamento crítico aos servidores e estudantes participantes dessas realidades, atendendo assim às demandas de uma Educação Profissional que prepara alunos, servidores e gestores para o mundo do trabalho, numa perspectiva que favorece a busca da emancipação social.



1 A INTERNACIONALIZAÇÃO

A Internacionalização é um processo que contempla ações e funções as quais têm consequências diretas no processo educativo de formas diversas. Apesar de não haver uma definição em documentos oficiais brasileiros de cunho nacional, podemos verificar que a Internacionalização é um processo de integração intercultural, internacional, global aliado às funções e ações da educação de uma instituição.

A autora Knight indica o conceito de Internacionalização enfatizando o caráter processual desse movimento e o fato de ser um fenômeno integrador: "um processo que integra as dimensões internacional, intercultural e global aos propósitos, às funções primárias – de ensino, pesquisa e extensão".



A internacionalização nos níveis nacional, setorial e institucional é definida como o processo de integração composto pela dimensão internacional, intercultural ou global às finalidades, funções ou oferta de educação pós-secundária.



(KNIGHT, 2012; p. 2)



Portanto, é possível compreender que não podemos reduzir o entendimento sobre Internacionalização às suas ações específicas. A autora De Wit (2011) elencou nove conceitos errados sobre Internacionalização:

- a** oferecer disciplinas ministradas em língua inglesa;
- b** estudar ou morar fora em um país estrangeiro;
- c** ofertar disciplinas com conteúdo ou conotação internacional;
- d** ter grande número de alunos estrangeiros matriculados na instituição;
- e** ter presença de alguns estudantes estrangeiros na instituição;
- f** dispensar avaliação de competências internacionais e interculturais por acreditar que elas serão naturalmente adquiridas através de atividades de teor internacional;
- g** quanto maior a quantidade de parcerias, mais internacionalizada a instituição será;
- h** a educação é por natureza internacionalizada;
- i** a internacionalização é um fim em si mesmo.



São ações desconexas que se remetem a parte do processo e não o todo. Podemos apresentar, segundo Knight (2012), cinco verdades no processo de internacionalização que se traduzem nas seguintes características:

- ✓ Aprimoramento e respeito ao contexto local;
- ✓ Um processo adaptável;
- ✓ Benefícios, riscos e consequências não intencionais;
- ✓ Não se trata de uma finalidade em si;
- ✓ Globalização e internacionalização são diferentes, mas estão associadas.

A primeira verdade enfatiza o respeito pelo contexto local de forma que haja uma cooperação internacional no sentido de contribuir para as transformações sociais, para implementação de políticas públicas que favoreçam o desenvolvimento educacional e intercultural, dentro de uma perspectiva de preparo para o mundo do trabalho.

A segunda e a terceira verdades também levam em consideração esse respeito pelo contexto local, já que a Internacionalização deve se adaptar a esse contexto e devem ser analisados riscos e benefícios a todos os envolvidos bem como as consequências não intencionais.



Nesse caso, podemos exemplificar uma dessas consequências com a mobilidade acadêmica que pode trazer o fenômeno da “fuga de cérebros” e o risco financeiro que uma Instituição assume ao enviar estudantes para estudar em outros países, podendo assim faltar recursos para investimento nas condições de qualidade da própria Instituição, o que contribui para uma mercadorização da educação (*commodity*).

Quanto à verdade de número quatro, sobre a Internacionalização não ter fim em si mesma, o próprio conceito da autora, citado acima, esclarece essa verdade já que a Internacionalização é um processo de integração de dimensões internacionais e interculturais que influenciam nas atividades da Instituição que a promove.

Há um diálogo entre diversidades em busca de contribuições e melhorias para as Instituições envolvidas. Há uma proposta de desenvolver habilidades e trabalhar conhecimentos para que os alunos saibam interagir com o mundo e suas demandas. Dessa forma, portanto, a Internacionalização é um meio para que se atinja um fim e não um fim em si mesma.

Quanto à última verdade, trata-se da distinção entre Internacionalização e Globalização. Há quem acredite que ambas são da mesma natureza e há razão de acreditar nessa afirmação já que a Internacionalização é fruto das demandas da Globalização, visto que há um mercado interessado em lucrar com as ações de Internacionalização, especialmente com a mobilidade acadêmica, mas há diferenças entre elas.



||

[...] enquanto a globalização remete ao fluxo global de ideias, conhecimentos, pessoas, bens, serviços e tecnologias, a internacionalização, por sua vez, evidencia as relações entre os países, povos, culturas e instituições.

||

(KNIGHT, 2012, p. 14)

Historicamente, a Internacionalização nasceu a partir do conhecimento universal associado à tradição de cooperação acadêmica para contribuir com as atividades de ensino em Instituições de educação, promovendo assim, uma mobilidade. Essa mobilidade acontecia com as viagens de estudantes que buscavam estudar em uma renomada instituição no seu tema de interesse desde a Idade Média. Era chamada de *peregrinatio academica*.

Ao longo do tempo, com as mudanças de ordem política e econômica, essas motivações anteriores ganharam novos sentidos, especialmente, após as universidades perderem a tutela da Igreja e se submeterem aos interesses dos Estados, os quais estão sendo pressionados desde a Revolução Industrial até hoje para institucionalizar políticas de cooperação internacional que envolva implantação de programas de intercâmbio de estudantes, professores e pesquisadores que queiram difundir conhecimentos e colaborar com o desenvolvimento de países desenvolvidos.



Dessa forma, podemos compreender que a Internacionalização pode ter duas faces: uma voltada para atender demandas de órgãos Internacionais (Banco Mundial, UNESCO, OCDE etc) – Internacionalização Hegemônica - movimentando um mercado educacional e outra que podemos denominar de Cooperação Internacional – Internacionalização Cooperativa - que tem a mesma intenção da *peregrinatio academica* da Idade Média, buscando a cooperação sem lucros financeiros diretos.



2 TIPOS DE INTERNACIONALIZAÇÃO

Podemos identificar dois tipos de Internacionalização, de acordo com a distinção da educação na perspectiva da interculturalidade e da multiculturalidade, o que pode resultar na internacionalização ou na transnacionalização da educação.

A Internacionalização deve ter suas raízes na educação como processo de Interculturalidade. Deve haver, portanto, uma Internacionalização respeitando as culturas dos países envolvidos, sem que uma se sobreponha a outra, mas que interajam e que se enriqueçam entre si.

A transnacionalização diz respeito à Internacionalização de forma que haja uma sobreposição de uma cultura sobre as outras envolvidas no processo, destacando a relevância de uma cultura como modelo e molde em detrimento das outras participantes da Internacionalização.

Resumidamente, podemos nos referir à Internacionalização de duas formas: a Internacionalização, processo de integração cultural, social e educacional em que há interculturalidade, respeito às culturas envolvidas (essa forma pode ser chamada de Cooperação Internacional também ou Internacionalização



Cooperativa) e a Transnacionalização, processo de integração cultural, social e educacional em que há a sobreposição de uma cultura, geralmente ligada às potências econômicas, em relação a outras culturas envolvidas nesse processo.

Quanto ao tipo de mobilidade acadêmica, que são as viagens dos estudantes para buscar conhecimento em outras instituições de ensino espalhadas pelo mundo ou para compartilhar conhecimento, essa mobilidade pode ser: a mobilidade do tipo *IN* (ativa – aquela que se refere ao fato de receber estudantes estrangeiros) e a mobilidade do tipo *OUT* (passiva – aquela que se refere ao fato de enviar estudantes para outros países).



3 A ESTRUTURA E AS AÇÕES DE INTERNACIONALIZAÇÃO NO INSTITUTO FEDERAL DO MARANHÃO

O Instituto Federal do Maranhão conta desde 2012 com uma Assessoria de Relações Internacionais (ARINT) que passou a ser uma diretoria, Diretoria de Relações Internacionais (DIRI), desde 2018, passando a fazer parte da estrutura organizacional da Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT), órgão superior da Reitoria, responsável por coordenar, fomentar, planejar e acompanhar atividades e políticas de extensão relacionadas com a comunidade, com o ensino, pesquisa e inovação (Resolução CONSUP 106/2018).

Assim, a DIRI ampliou sua ação sistêmica na Instituição e hoje tem como atribuições:

- a** executar ações da Pró-Reitoria de Extensão, representando a mesma em relação à Internacionalização;
- b** dar suporte às demais Pró-Reitorias, aos campi e às demais unidades sobre Internacionalização;



- c** promover Internacionalização no IFMA; implementar e gerenciar a política de Relações Internacionais do IFMA;
- d** propor diretrizes para uma política institucional na área de cooperação internacional;
- e** regulamentar e coordenar o pleno funcionamento do Centro de Estudos, Pesquisa e Extensão da Linguagem – CEPELL;
- f** receber demanda externa de propostas de cooperação internacional;
- g** implementar acordos e convênios internacionais de cooperação técnico-tecnológica, científica e cultural;
- h** articular e assistir acordos bilaterais;
- i** representar o IFMA no Fórum de Relações Internacionais;
- j** promover atividades voltadas ao desenvolvimento de programas e ações de cooperação técnico-científico-cultural com organismos internacionais;
- l** acompanhar e analisar o cenário internacional de ciência e tecnologia nas áreas prioritárias de atuação do IFMA;
- m** organizar e dar suporte às missões do IFMA no exterior, entre outras atribuições (Resolução 106/2018).



As ações do IFMA quanto à mobilidade acadêmica do tipo *OUT*:

OUT

- ✓ Programa Ciências sem Fronteiras
- ✓ Programa Abrace o Mundo em 2015 e 2016, um projeto destinado aos alunos da Educação Profissional Técnica de Nível Médio matriculados no campus São Luís-Monte Castelo. Os estudantes viajaram para outro país com as despesas pagas a fim de aprimorar o conhecimento em inglês.
- ✓ Lapassion (*Latin America Practices and Soft Skills for an Innovation Oriented Network*), que é parte do programa de capacitação *Internacional Erasmus+ Capacity Building Program*, o qual envolve treze instituições de ensino espalhadas pelo Brasil, Chile, Uruguai, Espanha, Finlândia e Portugal.



Além da mobilidade do tipo out, o IFMA também dispõe de ações na mobilidade *IN*:

IN

- ✔ Programa de Estudantes – Convênio de Graduação PEC-G, o qual oferece oportunidades de formação superior a cidadãos de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordos educacionais e culturais.
- ✔ 2ª Ação Simplificada de Formação de Formadores de Moçambique no Brasil, que tem como área prioritária as Ciências Agrárias, e resulta da cooperação entre a Autoridade Nacional de Educação Profissional (ANEP), em Moçambique, e a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (SETEC/MEC), pelo Brasil.



Quanto às parcerias, acordos e convênios internacionais, há relação do IFMA com dezessete (17) Instituições fora do Brasil, além de acordos com mais quatro (4) Instituições pelo Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica - CONIF.

Quanto às iniciativas a respeito de idiomas temos:

IDIOMAS

- ✔ O Centro de Estudos, Pesquisa e Extensão da Linguagem – CEPELI que tem a missão de fomentar a criação de espaços de ensino e aprendizagem de línguas, de pesquisa, formação profissional e de extensão, em todos os campi do IFMA.
- ✔ As ações do CEPELI voltadas para a oferta de programas e/ou cursos de línguas em Centro de Idiomas ou turmas isoladas nos campi trata sobre a Política de Programas e Projetos de Extensão. Cada campus é estimulado a ter seu CEPELI funcionando como um núcleo sistêmico no campus, ajudando a promover a Internacionalização com várias ações, principalmente, a oferta de curso de línguas com Centro de Idiomas ou em turmas pontuais.
- ✔ Há CEPELI em funcionamento em quatro campi (Centro Histórico, Caxias, Bacabal e Monte Castelo).



- ✔ Há um comitê de Relações Internacionais formado por um representante indicado pelo diretor de cada campus, tem como objetivo promover a inserção internacional dos campi do IFMA através da cooperação e intercâmbio científico, tecnológico, cultural e acadêmico e estimular a cooperação internacional científica, tecnológica, cultural e acadêmica, apoiando docentes, discentes e técnicos administrativos em educação.
- ✔ Há oferta de testes de proficiência: o DELF – *Diplôme d'Études en Langue Française* (Diploma de Estudos em Língua Francesa) e o DALF – *Diplôme Approfondi de Langue Française* (Diploma Aprofundado de Língua Francesa); TOEFL (*Test of English as a Foreign Language*) ITP; TOEIC (*Test of English for International Communication*) *Brigde*.
- ✔ Há o E-Tec Idiomas sem Fronteiras, que é um Programa de ensino de línguas a distância realizado pela Rede Federal de Educação, Ciência e Tecnologia e o *My English Online* (MEO) que é um curso online, interativo, para aprender inglês, com acesso a livros, leituras graduadas, exercícios de gramática, práticas e testes de acompanhamento.



“As línguas têm suas vidas próprias. Elas mudam o tempo todo. E essas mudanças não são para melhor nem para pior, mas simplesmente acompanham mudanças que ocorrem em outras esferas”.

Rajagopalan



4 A LÍNGUA INGLESA

A relação entre o ensino de língua inglesa e a Internacionalização é uma relação dependente, imbricada, simbiótica porque a língua inglesa potencializa os aspectos que compõem a existência e o funcionamento da Internacionalização, já que esse é "um processo que integra dimensões internacional, intercultural e global aos propósitos, às funções primárias - de ensino, pesquisa e extensão", descrito por Knight (2004; p. 2).



Estima-se que perto de 1,5 milhão de pessoas no mundo – isto é ¼ da população mundial – já possui algum grau de conhecimento da língua inglesa e/ ou se encontra na situação de lidar com ela no seu dia-a-dia. Acrescente-se a isso o fato ainda mais impressionante de que algo em torno de 80 a 90% da divulgação de conhecimento científico ocorre em inglês. Ou seja, quem se recusa a adquirir um conhecimento mínimo da língua inglesa corre o perigo de perder o bonde da história.

(Rajagopalan, 2005, p. 149)



Tudo isso se deve ao poderio político, econômico, cultural e linguístico da língua inglesa que vem crescendo desde a ascensão dos Estados Unidos como potência mundial, após a Segunda Guerra e hoje atinge números impressionantes.

Podemos perceber a hegemonia da língua inglesa especialmente no mundo científico, o que faz com que o inglês se espalhe por todas as áreas do conhecimento, fazendo com que encontros, negócios, pesquisas, publicações, invenções, inovações tecnológicas sejam comunicadas em inglês.

Ela é automaticamente escolhida como língua global no sentido de comunicação com todos, de qualquer nacionalidade. É o que faz com que a língua inglesa seja concebida, hoje, não mais como língua estrangeira apenas, mas como língua internacional, língua franca, língua inglesa de todos e não apenas de americanos e britânicos.

De acordo com Friedrich e Matsuda (2010), há uma definição da língua quanto à sua função e quanto ao seu uso em diferentes contextos. Assim, para determinar a concepção do Inglês de forma mais abrangente, como uma língua falada entre os não-nativos ao redor do mundo, os autores nomeiam a língua inglesa como:



- ✓ ILF – Inglês como Língua Franca: termo preferencial (em detrimento do ILE), por remeter às discussões sobre os usos, funções e contextos de aprendizagem do inglês no cenário internacional.
- ✓ ILE – Inglês como Língua Estrangeira: os usuários do inglês na perspectiva de língua estrangeira, tem como objetivo 'aproximar-se o máximo possível da variante nativa'; língua ensinada e aprendida por falantes não-nativos em países em que a língua inglesa não é língua materna e em que pode haver interferência de uma outra língua, como no caso da língua portuguesa no Brasil
- ✓ ILI – Inglês como Língua Internacional: é um subitem do ILF pois o inglês como Língua Internacional é o inglês falado entre pessoas de países diferentes com línguas maternas diferentes e o ILF se refere a esse inglês falado internacionalmente e ao inglês falado intranacionalmente, como no caso da Índia que tem inglês como uma das línguas maternas.
- ✓ ILA - Inglês como Língua Adicional ou ISL - Inglês como Segunda Língua: refere ao inglês que é aprendido por imigrantes que moram em países em que a língua materna é a língua inglesa. ILA tem sido usado para referir-se ao inglês como uma língua a mais.



É importante enxergar essas relações intrínsecas ao uso e às funções da língua para que possamos nos posicionar diante da mesma tendo consciência de que há toda uma relação de poder e dominação ligado a ela, mas que podemos nos valer dessa mesma língua para buscar objetivos e benefícios próprios. Tal atitude se adequa às demandas para o mundo do trabalho, dentro do âmbito da Educação Profissional e Tecnológica, buscando, através do pensamento crítico, a emancipação social.

Essa é uma consciência necessária principalmente aos professores de línguas que, muitas vezes, podem se sentir como peça de uma máquina do capital, contribuindo para preparar alunos falantes para alimentar o mundo da Internacionalização globalizada.

Há que se destacar aqui a importância do professor se posicionar e de ajudar em uma formação de falantes de maneira que os mesmos possam dominar a língua em todas as suas possibilidades, fazendo uso da mesma de forma consciente dos seus benefícios e dos interesses em que ela está envolvida, sem se deixar seduzir por mitos, ilusões e invenções sobre o que a língua inglesa pode proporcionar.



5

METODOLOGIAS DE ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Podemos perceber que os conceitos, as concepções da língua bem como o entendimento das relações sociais, políticas, econômicas afetam diretamente a maneira como ela é pensada, falada e ensinada, ou seja, essa formação de falantes conscientes do papel da língua no mundo e na sua realidade necessita de uma metodologia que promova essa postura, esse posicionamento.

Ao longo do século XX, muitas metodologias de ensino de línguas foram surgindo, uma superando a outra seguinte. A Abordagem de Gramática e Tradução, o Método Direto, Abordagem de Leitura, Abordagem Audiolingual, Aprendizagem de Língua Mediada por Computador, o Nocial-funcional. Assim, chegamos à década de 60, em que surge a Abordagem Comunicativa, uma abordagem mais voltada para a habilidade oral com foco na competência comunicativa e tem as seguintes características:



- a** diálogos centrados nas funções comunicativas e não na memorização;
- b** contextualização é uma premissa básica;
- c** a aprendizagem da língua tem foco em atividades significativas com fim na comunicação;
- d** a competência comunicativa é o objetivo principal, a habilidade de utilizar a língua de forma efetiva e apropriada;
- e** a variedade linguística é o conceito central para escolha de material;
- f** a tentativa para se comunicar deve ser encorajada desde o início;
- g** a escrita e a leitura podem ser iniciadas desde o primeiro dia;
- h** a aprendizagem deve se dar na língua-alvo, mas a tradução pode ocorrer quando necessário, quando houver benefício do aprendiz.



Após a expansão da Abordagem Comunicativa, outras abordagens afins surgiram como subitens da Abordagem Comunicativa, tais como:

- ✔ Inglês para fins específicos (*ESP - English for Specific Purposes*), que privilegia as necessidades dos alunos (abordagem utilizada nos cursos regulares do IFMA);
- ✔ Ensino Baseado em Tarefas, que tem como foco a solução de tarefas de forma comunicativa, fazendo que com que o aprendiz utilize a língua em situações reais;
- ✔ Abordagem Participativa, baseada nas perspectivas de Freire, tem foco na formação cidadã, crítica, estimulando a conscientização do aprendiz sobre a sociedade em que está inserido;
- ✔ Ensino através de Conteúdos (*CLIL - Content and Language Integrated Learning*), a qual tem o objetivo de ensinar conteúdos através de uma língua-alvo sem ter essa última como fim, mas, apenas, como meio.



O Inglês para Proposições Específicas é uma metodologia muito apropriada para ambientes científicos específicos, chegou ao Brasil na década de 80, através de um estudo e proposta de ensino da PUCSP, e tinha o foco no trabalho com estratégias de leitura de textos em inglês, especialmente para o público universitário que precisava entender textos acadêmicos específicos e que só se encontravam em língua inglesa.

Essa metodologia nasceu a partir de necessidades apresentadas após um mundo pós-guerra; com novos estudos na área da Linguística, demandando um entendimento do aprendiz de áreas específicas, o que fez com que o ensino de línguas deixasse de ser descritivo, focado em regras gramaticais, passando a enfatizar o uso real da língua de forma comunicativa.

Apesar do Inglês para fins específicos ser a abordagem utilizada nos cursos regulares do IFMA e de muitas Instituições de ensino, a Abordagem Comunicativa ainda é uma das metodologias mais utilizadas para formação de falantes e é a abordagem dos Centros de Idiomas do IFMA.



6 FORMAÇÃO DE FALANTES EM LÍNGUA INGLESA NO IFMA

Importante entender que nem todas as abordagens favorecem a formação de falantes. A Abordagem de Gramática e Tradução tinha como principal objetivo aprender uma língua para fins literários ou em benefício próprio para o desenvolvimento intelectual, por exemplo. A Abordagem de Leitura caracterizava-se por ter o enfoque na leitura de textos, destacando as regras gramaticais e vocabulário.

O Método Direto e a Abordagem Audiolingual têm muita ênfase na oralidade, especialmente na pronúncia que é aperfeiçoada pelo uso dos drills, exercícios de repetição, no caso da Abordagem Audiolingual. Ambas tiveram momentos de auge, mas caíram em desuso por uma necessidade em atender a novas demandas aos falantes de línguas, demandas advindas de um mundo pós-guerra em que o falante de uma língua nova precisava entender não só das estruturas da língua, mas de um contexto comunicativo, cultural.

Assim, a Abordagem Comunicativa ganhou lugar com o objetivo de desenvolver a competência comunicativa do aprendiz, capacitando-o a se comunicar em vários contextos, trabalhando as quatro habilidades de forma integrada, utilizando a língua-alvo o tempo todo em sala de aula.



Na Abordagem Comunicativa, a língua é vista verdadeiramente como um instrumento de interação humana em que o aluno deve saber usar as estruturas linguísticas não apenas para criar uma sentença padronizada de acordo com as regras gramaticais, mas para criar sentenças que tenham função dentro dos diferentes contextos da língua estudada.

Observa-se, portanto, que a Abordagem Comunicativa leva em consideração não só aspectos estruturais da língua, mas também o efeito que os mesmos devem causar em determinadas situações de interação em uma dada língua. Assim, não faz mais sentido aprender a construir sentenças isoladas ainda que se desenvolvam as quatro habilidades da linguagem (leitura, compreensão auditiva, oralidade e escrita).

Dessa forma, é possível verificar que a Abordagem Comunicativa determina outras exigências em sala de aula para os participantes do processo. Há um apelo muito relevante pela participação do aluno, já que o aprendizado parte não de um modelo a ser repetido de uma realidade muitas vezes diferente dos alunos, mas de experiências e contextos em que o aluno está inserido.





O ensino comunicativo é aquele que organiza as experiências de aprender em termos de atividades relevantes/tarefas de real interesse e/ou necessidade do aluno para que ele se capacite a usar a língua-alvo para realizar ações de verdade na interação com outros falantes-usuários dessa língua.

(FILHO, 2007, p. 36)



A Abordagem Comunicativa favorece a formação de falantes devido às exigências de construção da língua e interação com mesma demandada pela metodologia. Assim, expandiu-se, grandemente, ao longo dos anos e, ainda hoje, é utilizada como metodologia eficaz em Centros de línguas.

Dentro de uma perspectiva de Educação Profissional e Tecnológica, buscando uma formação para o mundo do trabalho, podemos verificar que a Abordagem Comunicativa atende aos parâmetros dessa formação na medida em que busca construir a competência linguística para formar falantes autônomos, capazes de articular as estruturas linguísticas adequadas a cada contexto em que estão inseridos, de forma crítica, comunicando seus pensamentos de acordo com as suas particularidades.

No IFMA, neste presente ano, foi elaborado o PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional do quadriênio



2019-2023, o qual trouxe grandes considerações e objetivos em relação à Internacionalização em um tópico em destaque chamado "Diretrizes para Internacionalização" dentro do item sobre Políticas Educacionais, descrevendo as ações principais e dentre elas a implantação de Centro de Idiomas pelos campi.

Há um objetivo claro do IFMA em relação ao ensino de línguas no sentido de promover a implantação de Centro de Idiomas para formar falantes, já que a abordagem de ensino no Centro de Idiomas, apesar de não ser sugerida no documento, é a que possibilite o desenvolvimento de todas as habilidades de uma língua, o que cabe à Abordagem Comunicativa, por exemplo.

Há um documento orientativo de implantação dos Centro de Estudos, Ensino e Pesquisa da Linguagem – CEPELI, elaborado pela Diretoria de Relações Internacionais – DIRI, um núcleo sistêmico responsável por várias ações linguísticas dentre elas a operacionalização do Centro de Idiomas nos campi.

Portanto, podemos compreender que há pelos menos dois tipos de metodologia no Instituto Federal do Maranhão em relação ao ensino de línguas estrangeiras: uma utilizada nos cursos regulares, voltada para o inglês para fins específicos, mas que, na prática, privilegia o ensino voltado para a leitura, apesar da metodologia prever o uso da oralidade; e uma voltada para os Centros de Idiomas, que é a Abordagem Comunicativa, apesar de não ser oficialmente sugerida, a mais utilizada nos Centros em funcionamento.



NOTAS DA AUTORA

Podemos verificar, então, que a Internacionalização está fielmente associada ao uso da língua inglesa e tal fenômeno acontece por meio de ações decorrentes das demandas de órgãos de controle de países hegemônicos e de demandas associadas à expansão da própria língua inglesa que passou a ser instrumento de comunicação de várias culturas.

É necessário, portanto, inteirar-se desses trâmites, dessas realidades vigentes, valendo-se das contradições para buscar emancipação social, para buscar benefícios para os envolvidos nesse processo, já que os Institutos Federais são instituições de Educação Profissional e Tecnológica e, portanto, devem preparar e estar preparados para as demandas do mundo do trabalho.

Para tanto, é razoável que haja um conhecimento mais aprofundado e inteiro tanto das ações que envolvem o processo de Internacionalização quanto dos aspectos trabalhados nas metodologias de ensino de línguas, especialmente da língua inglesa, que é a língua da Internacionalização, como podemos observar.



Que os conhecimentos aqui trabalhados possam trazer não só informação e um certo aprofundamento acerca da Internacionalização e sobre a língua inglesa, mas que incentive a leitura sobre as temáticas e motive um olhar mais rebuscado, capaz de enxergar as ações, o processo, as organizações e também as motivações subjacentes, as relações de poder intrínsecas, favorecendo assim a formação de um pensamento crítico, ativo sobre o assunto.



REFERÊNCIAS

DE WIT, Hans. **Globalización e internacionalización de la educación superior** [introducción a monográfico en línea]. RUSC: Revista de Universidad y Sociedad del Conocimiento, Barcelona, v. 8, n. 2, p. 77-84, 2011.

FILHO, José Carlos P. de Almeida. **Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas**. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

FRIEDRICH, P. & MATSUDA, A. **When Five Words Are Not Enough**: a conceptual and terminological discussion of English as a lingua franca. International Multilingual Research Journal, v.4, n.1, p.20-30, 2010.

KNIGHT, J. (2012). **Cinco verdades sobre internacionalização**. In: International Higher Education, v. 69: outono (Hemisfério Norte). Edição brasileira mediante acordo de cooperação entre UNICAMP e Boston College – Revista Ensino Superior Unicamp. Campinas: Unicamp, pp. 64-66.

KNIGHT, J. (2004). **Internationalization remodeled**: definition, approaches, and rationales.

Journal of studies in international education. v. 8, no 1, pp. 5-31.

RAJAGOPALAN, K. **A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil**. In: LACOSTE, Y.; RAJAGOPALAN, K. (orgs). A Geopolítica do inglês. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.







ISBN: 978-65-00-17626-1

CDL



9 786500 176261